

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Aline Lima Ramalho
Lais dos Santos Godinho

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso:
“Sem endereço: histórias de quatro mulheres que vivem nas ruas”

Florianópolis
2020

Aline Lima Ramalho
Lais dos Santos Godinho

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso:

“Sem endereço: histórias de quatro mulheres que vivem nas ruas”

Relatório Técnico de Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Stefanie Carlan da Silveira

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Godinho, Lais; Ramalho, Aline

Sem endereço: histórias de quatro mulheres que vivem nas ruas / Lais Godinho,
Aline Ramalho; orientadora, Stefanie Carlan da Silveira, 2020. 51 p.

Relatório Técnico de Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em
Jornalismo, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Livro-reportagem. 3. Mulheres em Situação de Rua. 4.
Problemas Sociais Brasileiros. 5. Gênero. 6. Direitos humanos. I. Godinho,
Lais; Ramalho, Aline. II. Carlan da Silveira, Stefanie . III. Universidade Federal
de Santa Catarina. Graduação em Jornalismo. IV. Título.

Aline Lima Ramalho
Lais dos Santos Godinho

Sem endereço: histórias de quatro mulheres que vivem nas ruas

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Jornalismo” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 9 de dezembro de 2020.

Profa. Dra. Daisi Irmgard Vogel
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Stefanie Carlan da Silveira
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Maria Terezinha da Silva
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Dra. Fernanda Nascimento
Avaliadora
Jornalista

Este trabalho é dedicado a todas as mulheres que vivem nas ruas do Brasil. Esperamos que, através das histórias de Aline, Clara, Débora e Mel, vocês se sintam representadas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecemos à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) pelo ensino público, gratuito e de qualidade. Obrigada por cinco anos de Jornalismo, entre greves, ocupações e pandemia, nos quais pudemos aprender com professores experientes e contar com uma excelente estrutura e equipe técnica. Sem a educação pública, não estaríamos nos tornando jornalistas.

À Aline Salles, Clarice Bento, Débora da Silva e Melanye Ahrens, agradecemos por nos disponibilizarem tantas horas de suas vidas. Por compartilharem conosco não apenas relatos que enchem o coração de alegria, mas também os que pesam com memórias difíceis. Obrigada por confiarem em nossa capacidade de tratar suas histórias com respeito e sensibilidade.

À Stefanie Carlan da Silveira, orientadora deste trabalho, agradecemos pela paciência em meio às nossas crises, pelas ideias e pelo apoio do início ao fim, inclusive na decisão ousada de mudança de formato no meio do caminho.

À ilustradora Luana Pillmann, agradecemos por expressar de forma tão única o rosto dessas quatro mulheres socialmente invisíveis. Com seu traço, você complementou e enriqueceu o que nossas palavras não puderam descrever.

Aos amigos que dividiram conosco as salas de aula e as mesas de bar — Amanda, Camila, Carla, Catarina, Ilana, Lívia, Suelen e Vinicius — agradecemos por ter tornado esta experiência única. Obrigada por todos os momentos, conversas e risadas, dentro e fora do aquário. Por fim, agradecemos às nossas famílias por incentivarem e apoiarem os nossos sonhos. Obrigada por estarem sempre ao nosso lado, mesmo que a distância.

“Eu vejo o descaso. Será que nós, mulheres da rua, não somos mulheres também, igual às outras?” (Aline Salles, 19 anos em situação de rua, vencedora da Medalha Antonieta de Barros e perfilada neste trabalho)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é um livro-reportagem sobre mulheres em situação de rua na cidade de Florianópolis. A publicação (1) contextualiza a dinâmica da vida na rua e os serviços públicos que atendem essa população; (2) apresenta como as realidades das mulheres em situação de rua se difere da dos homens; (3) relata a vida de quatro mulheres, contemplando tanto os períodos em que estiveram em situação de rua, como os que estiveram em habitação; (4) identifica os motivos que as levaram para a situação de rua, (5) aponta dificuldades específicas vividas pelas entrevistadas por conta do gênero; (6) denuncia violações de direitos humanos. Para isso, o livro conta a história de quatro mulheres e está organizado em três partes: durante a rua, antes da rua e depois da rua. As fontes são as personagens, especialistas sobre o tema, entidades públicas de assistência social e documentos, como pesquisas e relatórios. A apuração foi feita por meio de entrevistas presenciais e remotas.

Palavras-chave: Direitos humanos. Jornalismo. Livro-reportagem. Problemas Sociais Brasileiros. Gênero. Mulheres em Situação de Rua.

ABSTRACT

This final paper is a nonfiction book about homeless women in Florianópolis city. The publication (1) contextualizes the dynamics of life on the street and the public services that serve this population; (2) shows how the realities of homeless women differ from homeless men; (3) reports the lives of four women, covering both periods, when they were homeless and when they were living in conventional dwellings; (4) identifies the reasons that led them homeless, (5) points out specific difficulties experienced by the interviewees due to gender; (6) denounces human rights violations. For this, the book tells the story of four women and is organized in three parts: on the street, before the street and out of the street. The sources are the characters, experts on the topic, public social assistance entities and documents, such as research and reports. The investigation was carried out through face-to-face and remote interviews.

Palavras-chave: Human Rights. Journalism. Nonfiction Book. Brazilian Social Problems. Gender. Homeless Women.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT — Associação Brasileira de Normas Técnicas

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PSR — População em Situação de Rua

MSR — Mulheres em Situação de Rua

ICOM — Instituto Comunitário Grande Florianópolis

SUS — Sistema Único de Saúde

SUAS — Sistema Único de Assistência Social

CRAS — Centros de Referência de Assistência Social

CREAS — Centros de Referência Especializado de Assistência Social

Centros POP — Centros de Referência Especializados para pessoas em Situação de Rua

Pop rua — População de Rua

Alesc — Assembleia Legislativa de Santa Catarina

EJA — Educação de Jovens Adultos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 JUSTIFICATIVA	14
1.1.1 Do tema	14
1.1.2 Do formato	16
1.2 OBJETIVOS	17
1.2.1 Objetivo Geral	17
1.2.2 Objetivos Específicos	17
2. PRODUÇÃO	18
2.1 APURAÇÃO	18
2.1.1 Escolha das fontes	18
2.1.2 Entrevistas	19
2.2 REDAÇÃO	22
2.3 PROJETO GRÁFICO	24
2.3.1 Tipografia	25
2.3.2 Grid, Margens e Mancha Gráfica	25
2.3.3 Ilustrações	26
2.4 DIAGRAMAÇÃO	27
3. DIFICULDADES E APRENDIZADOS	28
REFERÊNCIAS	30
APÊNDICE A – Cronograma de produção e tabela de equipamentos e recursos	33
APÊNDICE B – Tabelas de fontes	35
APÊNDICE C – Matriz de Seleção Tipográfica	38
APÊNDICE D – Memorial editorial descritivo	39
APÊNDICE E – Declaração de autoria e originalidade	47
APÊNDICE F – Ficha de identificação do livro-reportagem “Sem endereço”	48
ANEXO A – Roteiro Orientador de Entrevistas do livro Vidas de Rua	49

1. INTRODUÇÃO

A dificuldade de obtenção de dados oficiais sobre a população de rua dificulta a criação de políticas públicas e aponta uma lacuna do poder público diante de uma população expressiva. Apesar do crescimento, a partir da década de 1990, na quantidade de pessoas vivendo nas ruas de centros urbanos brasileiros, apenas em 2008 o Governo Federal apresentou um documento que trazia diretrizes da Política Nacional para a Inclusão Social da População em Situação de Rua (LUZ; SERAFINO, 2015). Havia a pretensão de incluir dados sobre a população em situação de rua no Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nas pesquisas de 2020. Contudo, devido a cortes orçamentários, esse grupo acabou não entrando na pesquisa. Como o Brasil tem pouquíssimos dados oficiais sobre o tema, muitas informações acabam sendo obtidas por organizações que realizam pesquisas com recortes de espaço mais limitados, se comparado ao Censo Nacional.

Na capital de Santa Catarina, o Instituto Comunitário Grande Florianópolis (ICOM) em parceria com o Movimento da População em Situação de Rua de Santa Catarina (MNPR-SC) realizaram o “Diagnóstico Social Participativo da População em Situação de Rua Na Grande Florianópolis”, publicado em maio de 2017. O relatório aponta dados socioeconômicos como gênero, raça, educação, trabalho e acesso a políticas públicas e ao Sistema Único de Saúde (SUS). Ao contrário do que se acredita, a maioria (70%) da população em situação de rua na grande Florianópolis é composta por trabalhadores. As mulheres representam 20% desta população, que na maioria (41%) não possui nenhum vínculo familiar ou afetivo.

O ICOM, com o apoio do Movimento da População em Situação de Rua de Santa Catarina (MNPR/SC), do Global Fund for Community Foundations e da Interamerican Foundation, desenvolveu uma proposta participativa de diagnóstico social a fim de conhecer melhor as necessidades da população em situação de rua na Grande Florianópolis, compreendendo suas particularidades e detectando as características e dimensões das situações de vulnerabilidade desse contexto populacional. O diagnóstico, de proposta inédita, contou com a colaboração de pesquisadores voluntários oriundos da situação de rua para a aplicação de cerca de 1000 questionários no período de dezembro de 2016 a fevereiro de 2017 nos municípios de Florianópolis, Biguaçu, São José e Palhoça (VENTURI, 2017, p. 5).

Os dados sobre Florianópolis foram coletados através de um diagnóstico participativo em parceria com o MNPR-SC, no qual as pessoas em situação de rua do movimento atuaram como pesquisadores de campo, o que facilitou a obtenção dos números. Enquanto as

organizações ou instituições oficiais, como o Comitê de Estatísticas Sociais para realizarem o Censo do Sistema Único de Assistência Social (Censo SUAS), dependem exclusivamente do apoio das unidades de análise dos municípios brasileiros.

As unidades de análise são: Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), Centros de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), Centros de Referência Especializados para pessoas em Situação de Rua (Centros POP), Unidades de acolhimento, Órgãos Gestores Municipal e Estadual, Conselhos Municipais e Estaduais, Unidades da Rede Socioassistencial Privada.

Desta forma, nem toda cidade participa do Censo Suas e as que participam, tem dados levantados a partir das unidades de apoio e do cadastramento da população de rua nos respectivos espaços. Portanto, a informação obtida pelo Censo Suas consegue apenas apresentar estimativas sobre a população de rua no Brasil (NATALINO, 2016). Neste contexto de dificuldade em obtenção de dados, os números sobre as mulheres em situação de rua tendem a ser ainda mais subestimados. Já que até mesmo o protocolo de contagem a distância pode ter resultados equivocados, pois muitas mulheres optam por assumir características no espectro do estereótipo masculino para proteção, o que confunde o pesquisador de campo.

Outro ponto, sobre a insuficiência de dados sobre essa população, a ser ressaltado é a importância que esses números têm para a criação de políticas públicas com base em suas necessidades específicas. Quando os indicadores apresentam uma situação problemática, é possível que ela seja inserida na Agenda Governamental para sofrer interferência do poder público. A partir disso, é possível formular Políticas Públicas que podem ser criadas ou não com o apoio dos atores envolvidos no contexto onde ela irá ser implementada (CALDAS, 2008).

Pode-se dizer que o fenômeno população em situação de rua vincula-se à estrutura da sociedade capitalista e possui uma multiplicidade de fatores de natureza imediata que o determinam. Na contemporaneidade, constitui uma expressão radical da questão social, localiza-se nos grandes centros urbanos, sendo que as pessoas por ele atingidas são 4 estigmatizadas e enfrentam o preconceito como marca do grau de dignidade e valor moral atribuído pela sociedade. É um fenômeno que tem características gerais, porém possui particularidades vinculadas ao território em que se manifesta. No Brasil, essas particularidades são bem definidas. Há uma tendência à naturalização do fenômeno, que no país se faz acompanhada da quase inexistência de dados e informações científicas sobre o mesmo e da inexistência de políticas públicas para enfrentá-lo (SILVA, 2006, p. 95).

Se para a população de rua, como um todo, essas informações são insuficientes e suas necessidades são ignoradas, para as mulheres em rua é ainda mais difícil. Desde a necessidade do uso de banheiros públicos gratuitos para necessidades básicas, que incluem não apenas urina e fezes, mas também a menstruação, até o risco de serem estupradas por qualquer homem que passe, tudo faz parte de problemas presentes no cotidiano da mulher em situação de rua. Há ainda muitos outros aspectos a serem abordados, como maternidade, dependência química e violências anteriores à rua. Neste sentido, a produção de conteúdo jornalístico sobre o tema pode criar uma aproximação entre sociedade civil, Estado e população de rua, assim como, ser um registro histórico, delimitado por espaço e tempo, de uma parcela da sociedade.

1.1 JUSTIFICATIVA

1.1.1 Do tema

Há diversos estigmas em torno do indivíduo popularmente conhecido como ‘morador de rua’. Todos os aspectos de sua vida são reduzidos a esta única característica. O termo mais apropriado é, na verdade, pessoa em situação de rua, já que estar na rua não representa algo definitivo, uma característica intrínseca, mas sim uma situação momentânea.

Nesse entendimento, não apenas os significados ganham importância (lembrando que os processos de produção e recepção — significado — são também processos sociais e históricos), mas também as escolhas dos significados que se pretende produzir, escolhas que revelam um enorme poder dentro das relações sociais e parecem simplesmente ser escolhas lexicais. A opção de construir / representar o problema social da situação de rua identificando quem o vivencia como 'cidadão ou cidadã em situação de rua' é completamente distinta da escolha dos termos 'morador de rua' ou 'mendigo' (COSTA, 2009, p. 48-49).

Todos esses estigmas estão presentes no imaginário popular e podem ser questionados, confrontados e/ou confirmados ao aproximar-se da realidade dessas pessoas. Dito isso, acreditamos que o jornalismo tem potencial para trabalhar diretamente com essa população e mostrar à sociedade diversas facetas de uma mesma realidade, contribuindo para uma aproximação ao tema por diversos atores sociais.

A dificuldade de reconhecimento dos cidadãos e das cidadãs em situação de rua faz parte do "não aparecer" na mídia. Materializa-se no silêncio. Contudo, é preciso conhecer e utilizar estratégias para quebrar o silêncio, para fazer ouvir as vozes, as reivindicações. (COSTA, 2009, p. 220).

Abordamos especificamente o tema mulheres em situação de rua, pois como mulheres responsáveis pela produção deste Trabalho de Conclusão de Curso em material jornalístico acreditamos que as violências sofridas por elas são diferentes das dos homens, assim como o motivo que as levaram às ruas. Mostrá-las com enfoque de gênero pode contribuir para o debate social e ao trabalho jornalístico voltado aos direitos humanos.

A escolha desse tema, para além dos interesses profissionais, pautados pela noção de interesse público e função social do jornalismo, também foi influenciada por vivências pessoais das estudantes, como por exemplo, a participação na organização da XVII Semana de Jornalismo UFSC e na Mesa de Debate sobre Jornalismo Cidadão, com a presença do Jornal Boca de Rua de Porto Alegre.

O Boca de Rua é o único jornal no país produzido e vendido por pessoas em situação de rua. E no vídeo de apresentação do jornal, reproduzido durante a Mesa de Debate, uma mulher aparece insatisfeita, pois outro colaborador do jornal foi escolhido para participar do evento. Posteriormente, em conversa com uma das convidadas, nos foram apresentadas diversas situações que mulheres, colaboradoras do Boca, sofriam diariamente. Dentre elas, incluíam-se relatos de como, mesmo no Boca, muitas mulheres eram preteridas em relação aos homens para realização de diversas atividades, como a de participação no evento.

A aproximação que Lais Godinho possuía ao Boca de Rua, devido a um ano de mobilidade em Porto Alegre, e o fato de já conhecer mais de perto muitas das histórias contadas, influenciou na escolha do tema. Assim como, a aproximação de Aline Ramalho com o tema ocorreu a partir de uma produção para a disciplina Apuração, Redação e Edição V — Jornalismo Literário, em um exercício de crônica jornalística, realizado no centro de Florianópolis e que permitiu que a estudante interagisse diretamente com uma mulher em situação de rua.

Esses pontos, além de outros fatores apontados anteriormente, nos uniram para a produção deste trabalho com o objetivo de responder à pergunta: Como é a vida das mulheres que estão em situação de rua em Florianópolis?

1.1.2 Do formato

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi inicialmente planejado como uma grande reportagem multimídia, mesclando texto, vídeo, áudio, fotos e infográficos. Com a pandemia de Covid-19 e a suspensão do calendário acadêmico da UFSC em 16 de março de 2020 e retomada de forma remota em 31 de agosto do mesmo ano, a continuidade das gravações em vídeo foi impossibilitada. A possibilidade de fazer essas gravações a partir de videoconferências foi prontamente declinada, pois as principais entrevistadas não necessariamente possuem acesso à internet de qualidade e os vídeos gravados de diferentes dispositivos romperiam com a estética utilizada em material já coletado. Desta forma, o formato foi alterado para livro-reportagem, e a apuração pôde seguir de forma remota, via ligação telefônica.

Para além da alteração influenciada pelo surto pandêmico mundial, o formato do livro-reportagem foi escolhido por, primeiramente, ser originado de uma produção maioritariamente textual e, portanto, não depender de captação de áudio, vídeo ou fotografias para qualidade de reprodução. Outro fator que influenciou na escolha específica de uma reportagem organizada em livro, foi o volume de informações contextuais sobre a população em situação de rua, obtidas durante o período de apuração pré-pandemia, e a possibilidade de aproveitá-las de forma mais aprofundada e detalhada sem desviar das mulheres em situação de rua, objetivo geral do trabalho.

A pesquisa e o documento são fontes primordiais nas abordagens investigativas e também na elaboração do livro-reportagem. Ao partir do pressuposto que o livro-reportagem trabalha com os procedimentos do jornalismo e trata de um fato ou fenômeno real, para construí-lo é necessário dispor de informações e subsídios concretos. A contextualização, mencionada por Chaparro (2006), é fulcral na estruturação do texto do livro-reportagem. Por fim, e não menos importante, está o processo de aproximação das fontes de informação. As escolhas de quais serão as fontes estão relacionadas com a forma de abordagem da pauta. Essa escolha exige um método, pois não ocorre de forma aleatória, o jornalista busca as fontes quem tem algo para lhe informar sobre o assunto que está apurando. No caso do livro-reportagem a preocupação estará ligada à abordagem (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 149)

Além disso, o formato de livro-reportagem permite uma aproximação com o jornalismo literário. Característica essencial para uma narrativa mais pessoalizada e fluida sobre a realidade das quatro mulheres em situação de rua entrevistadas:

No livro-reportagem, o processo de produção e construção textual configuram um movimento espiral, estabelecendo um diálogo em todo seu percurso. O suporte livro-reportagem exige um número suficiente de informações, dados, fontes, depoimentos para que contemple o conteúdo e o volume de um livro sem desfigurar sua relação com a realidade, sem migrar para a ‘invenção’, ou mesmo ficção. O que não o impossibilita de disponibilizar dos recursos do jornalismo literário (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 155).

Desta forma, consideramos que o formato de livro-reportagem melhor se adequou às variáveis apresentadas e potencializou a pauta escolhida. Também permitiu, ainda, que o trabalho pudesse ser realizado dentro das limitações presentes em 2020.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

O livro-reportagem tem como objetivo apresentar a vida de quatro mulheres que estão em situação de rua em Florianópolis.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Contextualizar a dinâmica da rua, os serviços que atendem a população de rua e apresentar diferenças da realidade das mulheres em situação de rua;
- Relatar a vida de quatro mulheres em situação de rua em Florianópolis, identificar quais foram os motivos que as levaram para a rua e apontar quais dificuldades vividas têm ligação com o gênero;
- Denunciar violações de direitos humanos em relação ao corpo e à vida das mulheres em situação de rua.

2. PRODUÇÃO

A produção do livro-reportagem “Sem endereço” dividiu-se em três grandes etapas: apuração, redação e edição, a serem explicadas nas respectivas seções deste capítulo. O processo de apuração teve início em agosto de 2019 e a edição foi concluída em novembro de 2020 e, ao todo, foram gastos R\$ 1.507,20 (ver cronograma e tabela de recursos e equipamentos no Apêndice A).

2.1 APURAÇÃO

A apuração começou com o planejamento. Nesta etapa do planejamento, dividimos os recortes do tema e possíveis fontes. Também realizamos as pré-apurações, nas quais o repórter, antes de realizar as entrevistas, “deve empreender um levantamento dos dados necessários para elaborar a notícia ou reportagem” (SANTI, 2010, p. 15). Assim, nos preparamos para fazer perguntas com mais profundidade. Definidas as fontes, realizamos as entrevistas. É através desta etapa que conseguimos as informações necessárias para redigir o texto e damos credibilidade ao trabalho.

Para alguns autores, entre os quais Bucci (2000), a credibilidade é o maior patrimônio de jornalistas e meios de comunicação. Para outros, ele está na própria essência do que é esta prática profissional. O fato é que a preocupação com informações confiáveis existe há mais de 300 anos. Já na primeira tese doutoral sobre Jornalismo, em 1690, o alemão Tobias Peucer apontava a necessidade de os relatos jornalísticos desfrutarem de uma condição de veracidade e de confiabilidade para que fossem bem aceitos pela comunidade (CHRISTOFOLETTI, LAUX, 2008, p. 33).

A apuração foi planejada com o objetivo de coletar informações de diversos tipos de fontes para produzir um texto bem contextualizado e assim apresentar um bom produto jornalístico.

2.1.1 Escolha das fontes

Trabalhamos, conforme a classificação de Schmitz (2011), com quatro grupos de fontes: referência, oficial, institucional, especializada e individual (ver tabela no Apêndice B).

O trabalho de planejamento começou em março de 2019, mês das mulheres, ao assistir uma palestra na Assembleia Legislativa de Santa Catarina (Alesc) sobre mulheres em situação de rua. Sentadas à mesa, estavam duas pesquisadoras, uma Defensora Pública e uma mulher que vivia em situação de rua. Tivemos, ao longo da realização do trabalho, a oportunidade de entrevistar estas mulheres, com exceção de uma pesquisadora, Aline Zen Venturi, co-responsável pelo Diagnóstico Social Participativo da População em Situação de Rua na Grande Florianópolis (2017), que estava fora do país.

O planejamento deste trabalho foi guiado pelo diagnóstico. A partir dele e da entrevista que realizamos com o outro co-responsável pela pesquisa, Gabriel Amado, tomamos conhecimento do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) em Santa Catarina e de instituições de amparo à população em situação de rua (fontes oficiais) em Florianópolis que seria importante entrevistarmos. Demais fontes especializadas encontramos através de artigos acadêmicos.

Desde o início, este trabalho foi pensado para trazer relatos de vidas de mulheres que viviam em situação de rua em Florianópolis. Decidimos que, antes de falarmos com estas mulheres, falaríamos com fontes oficiais e especializadas que eram ativas no debate de políticas para a população em situação de rua mas não viviam em situação de rua, para que pudessemos compreender esta realidade e a melhor maneira de abordar estas pessoas.

Depois de entender o cenário, começamos a procurar pelas personagens (fontes individuais). Havíamos planejado abordar seis características que mostram a interseção de vulnerabilidades: mulher que se relaciona afetiva e/ou sexualmente com outras mulheres, negra, transgênero, mãe, idosa e portadora de deficiência. O melhor espaço que encontramos para conhecer estas personagens foi o Chá das Minas, reunião exclusivamente de mulheres em situação de rua que ocorre semanalmente no Instituto Arco-Íris, em Florianópolis. Todas as perfiladas do livro-reportagem, em algum momento, frequentaram o espaço do Chá das Minas.

2.1.2 Entrevistas

As primeiras entrevistas deste trabalho, em agosto de 2019, foram realizadas com fontes referência, institucionais, oficiais e especializadas, antes que conversássemos com as

fontes individuais, as mulheres perfiladas. Nas entrevistas com as fontes institucionais, atuamos como observadoras, acompanhando o trabalho realizado por aquelas instituições com a população em situação de rua. No Chá das Minas, na Rede Rua e no Comitê Municipal Intersetorial da População em Situação de Rua, acompanhamos as reuniões. Na Associação Espírita Fé e Caridade, em Florianópolis, e na igreja do padre Júlio Lancelotti, em São Paulo, acompanhamos um turno de trabalho social que realizavam, distribuindo alimentos, roupas e, no caso da Associação, dispo de espaço para recreação. Na EJA Rua, realizada no Instituto Arco-Íris, assistimos a uma aula. Em todas estas instituições nos preocupamos em observar e interagir com aqueles que gostariam de interagir conosco. Conhecemos muitas pessoas, tantas que não caberiam neste trabalho, mas todas foram essenciais para compreendermos o que significa viver na rua.

Com as fontes referência e especializadas, aprendemos. A partir das pesquisas e dos pesquisadores, conseguimos ter uma visão ampla da população em situação de rua. Conseguimos dados para fundamentar nosso trabalho e estudos que comprovaram situações que havíamos visto na prática, levando a compreensão de que aquilo era um padrão. Com as fontes especializadas, buscamos escutar mais do que falar, a fim de que deixássemos eles livres para nos contar aquilo que julgavam mais importante sobre os seus estudos.

Nas entrevistas com as fontes oficiais, seguimos o roteiro de perguntas que havíamos elaborado porque nossas dúvidas eram mais pontuais. Como a maioria das fontes oficiais que entrevistamos, em especial as profissionais do Consultório na Rua e do Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP), realiza um trabalho direto com a população em situação de rua e conhece suas necessidades e reivindicações, foram adicionadas mais informações para acrescentar do que aquelas que perguntamos.

Quando começamos a entrevistar nossa primeira fonte individual, Clarice Parnov, uma mulher que vivia em situação de rua e seria perfilada no livro, nos guiamos pelo roteiro orientador de entrevista elaborado por Cleisa Moreno Maffei Rosa no livro “Vidas de Rua” (Anexo A) que depois adaptamos, conforme as nossas necessidades. Com as demais fontes individuais, abandonamos este questionário porque percebemos que ele não era necessário. Por se tratarem de vozes sempre silenciadas, elas tinham vontade de falar. Bastava que quiséssemos escutar para que elas nos contassem toda a sua vida e todas as violações de

direitos que sofreram. Com estas fontes, a entrevista se tornou diálogo, conforme Edgar Morin:

Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema. (MORIN in MOLES, 1973, p. 129-130)

Esta etapa da apuração foi a mais delicada. Por serem relatos de memórias muitas vezes dolorosas, tivemos que aprender a lidar com o choro, ter delicadeza e aprender os nossos limites enquanto entrevistadoras. As entrevistas com Débora Silva foram as mais tranquilas entre as perfiladas. Com Aline Salles, realizamos a maior parte das entrevistas em um momento difícil de sua vida, quando seu companheiro estava preso e ela estava se sentindo sobrecarregada com as demandas do Movimento Nacional da População de Rua (MNPR). Já com Melanie Ayres, nossas primeiras entrevistas ocorreram em uma época em que ela estava fazendo uso abusivo de crack — inclusive, realizamos uma entrevista enquanto ela estava sob o efeito da droga, mas depois, com a internação na comunidade terapêutica, nossas últimas entrevistas ocorreram com ela sóbria.

A maior dificuldade de apuração foi com Clarice Parnov. Ela possui um certo nível de confusão mental, não consegue lembrar fatos importantes em sua vida com clareza e acabou nos contando informações contraditórias e as datas de eventos que não eram possíveis, de acordo com as suas documentações que conseguimos ter acesso. Cogitamos confrontar essas informações e a narrativa apresentada por Clarice, apontando suas contradições, entretanto:

Enquanto a mediação convencional transforma uma entrevista em informações, as técnicas de “imersão” ou de “observação participante” darão ao jornalista filiado ao JLA [jornalismo literário avançado] a oportunidade de transmitir idéias, o que é absolutamente singular se aceitarmos que a mente humana pensa a partir de idéias e não de informações (CAMPOS, 2009, p. 135).

Decidimos, a partir desta fonte, que contaríamos os fatos conforme as mulheres nos relataram, como elas mesmas veem suas vidas, independente de serem fiéis à realidade ou não, algo que esclarecemos na Nota das Autoras no livro. Foi uma decisão difícil porque, no jornalismo, sempre escutamos que devemos contar a verdade. Para isso, buscamos na filosofia

entender que a verdade também é uma forma de exercer poder e que, em algumas compreensões do relativismo, a verdade, perfeita e completa, não é alcançável pelos homens, o que temos é uma percepção parcial da realidade. E se todos nós temos uma percepção parcial, mesmo que entrevistássemos todas as pessoas que passaram pela vida daquela fonte, ainda assim não teríamos uma percepção completa da realidade — “a” verdade. Decidimos então que contaríamos conforme as mulheres nos contaram, tornando-as realmente protagonistas e donas de suas histórias.

2.2 REDAÇÃO

Com a mudança do formato, de multimídia para livro-reportagem, tivemos que repensar como a estrutura e o roteiro da narrativa se apresentariam. Em um primeiro momento, dividimos o livro-reportagem em sete capítulos:

1. População em situação de rua;
2. Mulheres em situação de rua;
3. Aline;
4. Clarice;
5. Débora;
6. Melanye;
7. A rua e a covid-19.

Iniciamos a redação pelos capítulos específicos de cada entrevistada. Após escrevermos três dos quatro textos, a professora orientadora recomendou que fizéssemos uma pausa para ler outros materiais literários que poderiam servir de inspiração para o novo formato e, recomendou uma mudança de estrutura. Ao longo de duas semanas lemos e relemos alguns livros como: “A vida que ninguém vê” (BRUM, 2006), “O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real” (BRUM, 2008) “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (DE JESUS, 1960), “A noite da Arma” (CARR, 2012), “Leão de Chácara” (ANTÔNIO, 2020) e “Como escrever bem” (ZINSSER, 2017).

Após reavaliar os textos escritos e ler o material sugerido, decidimos trocar a estrutura do livro reportagem para três partes, com eixos temporais contendo capítulos curtos de todas

as entrevistadas, de forma intercalada. Essa nova divisão foi inspirada pelo questionário presente no livro “Vidas de Rua” (ROSA, 2005). A quantidade de capítulos presente em cada parte foi definida conforme sua produção, totalizando, ao fim da produção, 63 capítulos. As partes são:

- I. Durante a rua: principal parte, com acontecimentos vividos pelas entrevistadas durante o momento de suas vidas que estiveram em situação de rua;
- II. Antes da rua: parte destinada à retratar a infância das entrevistadas, conflitos e situações que as levaram a viver na rua;
- III. Depois da rua: durante a apuração, todas as entrevistadas saíram da situação de rua. Esta parte é destinada a descrever esse processo de habitação e como as vidas foram influenciadas pelo surto do novo coronavírus.

Retomamos a escrita pela parte I, seguido das partes II e III. Por fim, escrevemos os elementos pré e pós textuais. O livro foi finalizado com 225.338 caracteres.

Para elaborar o esqueleto textual da parte I, “Durante a Rua”, listamos todos os acontecimentos das vidas de Aline, Clarice, Débora e Melanye que julgamos serem relevantes para a construção da história das fontes personagens. Depois, juntamos fatos que poderiam ser relatados em um mesmo capítulo e iniciamos a estruturação. Intercalando capítulos das quatro entrevistadas, listamos 46 capítulos, sendo 11 da Aline, 10 da Clarice, 11 da Débora e 13 da Melanye.

O trabalho foi feito de forma conjunta, mas ainda individual. Cada autora ficou responsável pela escrita completa de 23 capítulos, ao longo de duas semanas de produção, com uma média de dois capítulos por dia para cada. A determinação de quem escreveria cada capítulo também foi definida no momento de estruturação do esqueleto textual e se intercalava: se um dia Aline escreveria capítulos de Clarice e Melanye, no mesmo dia Lais escreveria de Aline e Débora, trocando no dia seguinte. Nesta parte, o único capítulo que obrigatoriamente deveria ser escrito por Lais foi o “Avenida Farrapos”, onde a autora se colocou de forma pessoal no texto devido a proximidade temporal e geográfica, até então

desconhecida e coincidental, entre si e Melanye. Por fim, ambas realizaram revisões e edições no texto antes e depois do retorno com correções da professora orientadora.

Ao iniciarmos a estruturação da parte II, percebemos que havia poucas informações coletadas sobre a infância de duas das quatro entrevistadas. Débora, por falta de tempo e choque de horários, preferiu responder às perguntas em áudio do *WhatsApp*. Já Melanye, internada na Comunidade Terapêutica Lar Recanto da Esperança, só poderia conceder a entrevista no sábado, no horário liberado pela Comunidade para contato externo. Na data agendada para a entrevista, precisaríamos ter todos os capítulos das outras entrevistadas prontos para sábado e domingo serem dedicados aos da Melanye e, assim, não ter nosso cronograma prejudicado.

Desta forma, utilizando a mesma metodologia que a parte anterior, listamos os relatos de histórias vividas antes das entrevistadas ficarem em situação de rua e/ou, suas memórias de infância, e as organizamos em uma lista intercalada. Com uma semana de escrita e a realização da entrevista com Melanye, fechamos a Parte 2 - Antes da Rua em 18 capítulos: sendo seis da Clarice e quatro para Aline, Débora e Melanye, cada. Desta forma, cada uma das estudantes escreveu nove capítulos e a revisão foi feita de forma conjunta.

Coincidentemente, as quatro entrevistadas saíram, em momentos diferentes, da situação de rua ao longo de 15 meses de produção deste livro-reportagem. Portanto, a Parte 3 conta, em quatro capítulos, como foi a saída da rua e suas vidas em habitação. Cada uma das estudantes escreveu dois capítulos e fez a revisão em conjunto ao longo de quatro dias.

2.3 PROJETO GRÁFICO

Como este trabalho de conclusão de curso é um livro-reportagem, consideramos que, apesar do texto ser o fator principal na avaliação, o projeto editorial gráfico bem estruturado poderia facilitar o processo de diagramação, além de garantir a qualidade de um conteúdo disposto para uma leitura agradável e de imersão. Escolhemos fazer o livro em tamanho A5, correspondente a 148 mm de largura por 210 mm de altura, um modelo comum no mercado editorial.

Para estruturar o projeto gráfico, nos baseamos em duas bibliografias principais, o livro “Estruturação do Projeto Gráfico: a tipografia como base do planejamento”, de Luciano Patrício Souza de Castro e Richard Perassi Luiz de Sousa. E, como o livro aponta um método de estruturação do projeto gráfico com base na tipografia, a segunda bibliografia utilizada foi a tese de doutorado “Seleção Tipográfica no Contexto do Design Editorial: um modelo de apoio à tomada de decisão” de Mary Vonni Meürer.

Mais detalhes do projeto e escolhas editoriais também estão disponíveis no memorial editorial descritivo, apêndice D deste relatório.

2.3.1 Tipografia

Em sua tese, Meürer (2017) apresenta um modelo de seleção tipográfica auxiliado por uma matriz de seleção, onde diversas fontes tipográficas podem ser comparadas a partir de critérios de seleção estipulados. A cada critério é estipulado um peso de importância e, ao testar e avaliar as fontes tipográficas, julga-se em uma escala de 0 a 5, como aquela fonte apresenta tais critérios. Ao final, é feita uma multiplicação dos pesos de importância pela característica da fonte e os resultados de cada critério são somados. Isto é, a matriz apresenta a melhor escolha a partir de critérios de seleção criados e as relevâncias ao projeto gráfico.

Após pedirmos autorização para o uso desta matriz de seleção em nosso trabalho, escolhemos 10 fontes gratuitas para uso comercial, disponibilizadas pelo Google Fonts e aplicamos a matriz para determinar qual fonte tipográfica seria responsável pela estruturação do projeto gráfico. Conforme apresentado no Apêndice C, a fonte tipográfica Bitter recebeu a maior pontuação, mas não escolhemos ela, porque, no teste de impressão, não gostamos do resultado e notamos que seus símbolos como % e \$ não eram esteticamente agradáveis aos nossos olhos. Então, a escolhida foi Yrsa, produzida pelos *type designers* Anna Giedryś e David Březina para o Rosetta Type Foundry.

2.3.2 Grid, Margens e Mancha Gráfica

Com a fonte definida, voltamos às orientações de Castro e Sousa (2018) que criam um projeto gráfico com base em um único elemento, a tipografia e sua entrelinha. Primeiro,

definimos que o tamanho da fonte Yrsa para corpo de texto seria 12 pontos, com entrelinha automática de 14,4 pontos. A partir desta informação seguimos os cálculos indicados para obter um módulo satisfatório para um projeto gráfico de folha A5. Isto é, a menor medida possível em largura e altura, para que depois possa ser configurado o grid. Este módulo ficou com as dimensões de 5,10 milímetros de largura por 5 de altura, na qual a entrelinha foi ajustada para 14,17 pontos. Com o cálculo do módulo e o grid configurados no documento do programa Adobe Indesign, pudemos definir as margens e, conseqüentemente, a mancha gráfica.

Consultando novamente o livro “Estruturação do Projeto Gráfico: a tipografia como base do planejamento”, definimos que a largura da mancha gráfica mais satisfatória para o projeto gráfico com 143 milímetros de largura e a fonte tipográfica Yrsa em 12 pontos seria a de 22 pontos, correspondendo a 22 módulos ou 112,27 milímetros. A largura da folha ficou composta em 29 módulos, portanto, ao definir a largura da mancha gráfica em 22, nos sobravam sete para compor as margens. Considerando que a impressão em brochura com lombada quadrada e acabamento em cola pode pegar parte da margem interna da página, determinamos quatro módulos de largura para a margem interna, ou seja 20,41 milímetros e três módulos de largura para a margem externa, correspondente a 15,31 milímetros.

Para definir as margens superior e inferior, colocamos como base uma mancha gráfica de aproximadamente 60% da área total da folha. Obtendo 61,40% de área da folha para mancha gráfica, atribuímos três módulos para a margem superior e três para a inferior, com 20 milímetros cada. Este valor é diferente ao de três módulos de largura, porque os módulos são levemente retangulares. Após tais cálculos obtivemos a seguinte página com grid modular, linha de base, margens e mancha gráfica, conforme o Memorial Descritivo no Apêndice D.

2.3.3 Ilustrações

As ilustrações foram produzidas por Luana Pillmann após envio de materiais de referência e acordo de compra de R\$ 360,00. Ao longo da produção a ilustradora apresentou versões prévias das artes e sugeriu mudanças nas composições até chegar no resultado final utilizado. Todas as ilustrações presentes no livro-reportagem são de sua autoria.

2.4 DIAGRAMAÇÃO

Esta etapa também foi feita de forma simultânea. Aline diagramou os pré e pós-textuais e a Parte I, enquanto a Lais diagramou as Partes II e III. O livro foi produzido no software Adobe Indesign CC 2019 e os arquivos foram unidos com o uso da ferramenta de exportação em livro, que sincroniza mais de um arquivo em formato *indd.*, além de unificar a numeração de página e exportar um único arquivo de PDF.

Ao todo, os 225.338 caracteres escritos foram diagramados em 234 páginas no período de nove dias. Ao final deste prazo, a professora orientadora e Lais conferiram o PDF em busca de erros na diagramação, como, por exemplo, a não aplicação de itálico em palavras. Aline realizou a correção dos erros e finalizou o arquivo da capa, então, o material foi enviado à Gráfica Postmix e impresso em três dias.

3. DIFICULDADES E APRENDIZADOS

O maior ensinamento que o livro-reportagem “Sem endereço” nos trouxe foi a quebra de pré-conceitos com pessoas que vivem realidades diferentes da nossa. Antes de começarmos as entrevistas com as mulheres que protagonizaram as histórias, sabíamos que o contato com elas e a escuta sobre as suas vidas seriam difíceis. Por conta disso, buscamos conhecer a realidade da população em situação de rua através dos eventos que o MNPR promovia, ou mesmo frequentando os espaços que eles frequentavam, para nos familiarizar com aquela realidade antes de entrarmos a fundo na história de alguém. Exigiu dedicação, esforço e muitas horas que não foram mostradas no trabalho final — mas que foram de suma importância para o nosso processo.

Ainda nesta fase, de pré-apuração, almejávamos cinco entrevistadas com histórias diferentes entre si, onde estar em situação de rua fosse o identificador de maior semelhança entre elas. Além de Aline, Clara, Débora e Melanye, outra mulher aceitou ser entrevistada, mas, com a pandemia do novo coronavírus, o decreto municipal de isolamento social e a impossibilidade de seguir com a apuração de forma presencial, por determinação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), perdemos o contato com a quinta mulher, que vivia exclusivamente na rua e não possuía telefone para contato.

A primeira perfilada que entrevistamos, em setembro de 2019, foi a Clara Bento. Apesar de não ter sido a história mais pesada que ouvimos, foi a que mais nos exigiu. Clara nem sempre sabia informar quando havia acontecido os fatos, às vezes contava informações contraditórias e, alguns acontecimentos que tentamos nos basear em documentos (como o seu primeiro casamento), se mostravam com muitos anos de diferença do que ela havia nos contado. Foi por causa das entrevistas com a Clara que decidimos que contaríamos as histórias conforme aquelas mulheres lembrassem, sem que nos apegássemos a veracidade dos fatos, porque, afinal, aquela era a verdade para elas. Em fevereiro de 2020, concluímos as entrevistas com ela e também pudemos gravamos um vídeo, que foi deixado de lado com a mudança de formato. Como Clara não tem telefone ou redes sociais, não conseguimos manter contato após o início da pandemia.

Aline Salles e Melanye Ahrens foram as histórias mais difíceis para escutarmos. Ambas haviam passado por muitos acontecimentos ruins na vida, inclusive a prostituição e a dependência de drogas. Apesar disso, elas eram capazes de relatar tudo abertamente. Os

momentos mais difíceis que passamos com ambas foram quando Aline contou a história de quando foi vítima de tráfico humano (embora ela não nomeasse dessa forma) e quando entrevistamos a Mel sob o efeito do crack. Quando começou a pandemia de Covid-19, conseguimos manter contato com ambas via telefone, embora Aline tenha ficado sem durante um curto período, e Mel tenha sofrido duas recaídas que também a deixou sem telefone.

Débora nos impressionou no momento em que descobrimos que tínhamos idades muito próximas — nasceu no dia 8 abril de 1998. A partir dela, conseguimos nos colocar no lugar daquelas mulheres. Aos 22 anos, com ensino médio concluído e profissão de artesã, Débora saiu para viajar como andarilha e acabou sendo vítima de violência doméstica e ficou em situação de rua. Também conseguimos manter contato com Débora após o início da pandemia.

Este trabalho, que começou com a ideia de produzirmos uma reportagem multimídia, precisou ser adaptado e readaptado durante o período de execução. Quando foi anunciada a suspensão das atividades presenciais na UFSC, soubemos que precisaríamos adaptar o formato. Gostaríamos que a reportagem multimídia tivesse fotos e vídeos, mas só tínhamos materiais da Clara. As opções eram adaptar o formato (sem as fotos e vídeos) ou trocá-lo. Devido ao grande volume de material que tínhamos, decidimos escrever um livro-reportagem.

A troca de formato foi uma das decisões mais difíceis que fizemos — afinal, o texto não era o nosso formato de preferência. Escrevemos uma primeira versão, separando um capítulo para cada personagem, porém os textos ficaram confusos, com muita informação mal distribuída. Descartamos. Reestruturamos todo o sumário do livro, dividindo-o em partes (Durante a rua, Antes da Rua e Depois da Rua) e pequenos capítulos. Ficamos orgulhosas do resultado final.

A produção deste trabalho se prolongou mais do que esperávamos, foi atravessado por uma greve estudantil na UFSC, pela pandemia de covid-19 e suspensão do semestre em geral, num primeiro momento, e depois suspensão das atividades presenciais. Apesar de ter sido difícil lidar com estas circunstâncias — assim como para todos os estudantes que estavam realizando o Trabalho de Conclusão de Curso neste semestre —, foi graças a este atraso que pudemos ver, ainda durante a produção, todas as nossas perfiladas saírem da situação de rua e fechar o livro com estas histórias.

REFERÊNCIAS

- ANTÔNIO, João. **Leão de chácara**. São Paulo: Editora 34, 2020.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipelago Editorial Ltda, 2016.
- BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. Porto Alegre: Arquipelago Editorial Ltda, 2017.
- CALDAS, Ricardo Wahrendorff (Coord.). **Políticas Públicas: conceitos e práticas**. Belo Horizonte: Sebrae/MG, 2008.
- CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 Características Que Marcam A Diferença**. Portugal: LabCom, 2014.
- CARLINI, E. A; GALDURÓZ, José Carlos; NAPPO, Solange; NOTO, Ana Regina. **Levantamento Nacional Sobre o Uso de Drogas entre Crianças e Adolescentes em Situação de Rua nas 27 Capitais Brasileiras**. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid), 2003.
- CAMPOS, Pedro Celso. **Gêneros do Jornalismo e técnicas de entrevista**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 127-141, jul. 2009. ISSN 1984-6924. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p127/10422>. Acesso em: 03 set. 2020. doi:<https://doi.org/10.5007/1984-6924.2009v6n1p127>.
- CARR, David. **A noite da arma**. [S.L.]: Record, 2012. 416 p. Tradução de: José Gradel.
- CASTRO, Luciano Patrício Souza de; SOUSA, Richard Perassi Luiz de. **Estruturação de Projetos Gráficos: a tipografia como base do planejamento**. Curitiba: Appris, 2018. 154 p.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério; LAUX, Ana Paula França. Confiabilidade, credibilidade e reputação: no jornalismo e na blogosfera. **Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 31, n. 1, p. 29-50, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/698/69830989003.pdf>. Acesso em: 03 set. 2020.
- COSTA, Décio Bessa da. **Cidadãos e cidadãs em situação de rua: uma análise de discurso crítica da questão social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.
- CUNHA, Júnia Valéria Quiroga da; RODRIGUES, Monica (Org.). **Rua: aprendendo a contar**. Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília: Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação; Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009.
- DE JESUS, Carolina Maria; DANTAS, Audálio; TEIXEIRA, Alberto. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Livraria F. Alves, 1960.
- FARIA, Higor. **Mendigo gato e mendigo lixo: a cor de quem merece ou não ficar na rua**. Instituto Geledés, 2013. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/mendigo-gato-e-mendigo-lixo-a-cor-de-quem-merece-ou-nao-fica-r-na-rua/>. Acesso em 13 de maio de 2019.

GOMES, Janaína Dantas Germano (Coord.). **Primeira infância e maternidade nas ruas da cidade de São Paulo**: relatório de pesquisa. São Paulo: Lampião Conteúdo e Conhecimento, 2017.

GROSSI, Patrícia Krieger; KAEFER, Cristina Thum; MATTOS, Carine Magalhães Zanchi de; TERRA, Newton Luiz. **O envelhecimento das pessoas idosas que vivem em situação de rua na cidade de Porto Alegre, RS, Brasil**. São Paulo: Revista Kairós Gerontologia, 2016.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Projeções da População do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade**: 2010-2060. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em 24 de junho de 2019.

LANFRANCHI, Carolina Teixeira Nakagawa (Coord). **Pesquisa Censitária da População em situação de Rua**. São Paulo: Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), 2015.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MEÜRER, Mary Vonni. **Seleção Tipográfica no Contexto do Design Editorial**: um modelo de apoio à tomada de decisão. 2017. 236 f. Tese (Doutorado) - Pós-Graduação em Design, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/177348/348452.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 out. 2020.

MORIN, Edgar. **A entrevista nas Ciências Sociais, na rádio e na televisão**. In: MOLES, Abraham. Linguagem da cultura de massa. Petrópolis, Vozes, 1973.

MODESTO, Bárbara Nunes de Araújo. **O Preconceito contra pessoas em situação de rua como um entrave à justiça social**: Uma análise do discurso crítica de comentários de leitores em jornal eletrônico. Brasília: UNB, 2014. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/10467/1/2014_BarbaraNunesDeAraujoModesto.pdf. Acesso em 25 de junho de 2019.

VENTURI, Aline (Coord.). **Diagnóstico Social Participativo da População em Situação de Rua Na Grande Florianópolis**. Florianópolis: ICOM, 2017.

RIOS, Ariane Goim. **O fio de Ariadne**: sobre os labirintos de vida de mulheres grávidas usuárias de álcool e outras drogas. Campinas: Unicamp, 2017.

ROSA, Anderson da Silva. **Mulheres em Situação de Rua na Cidade de São Paulo**: um olhar sobre trajetórias de vida. Tese de Doutorado em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). 2012.

ROSA, Cleisa Moreno Maffei. **Vidas de rua**. Editora Hucitec, 2005.

SANTI, VilsoJunior. **O desafio da apuração jornalística no ciberespaço**. In: Sessões do Imaginário–Cinema, Cibercultura, Tecnologias da Imagem, Porto Alegre, n° 24, p. 8-17, jan./jun., 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/9021/6244>>. Acesso em 02 de setembro de 2020.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Classificação das fontes de notícias**. 2011. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>>. Acesso em 21 de agosto de 2020.

SILVA, Maria Lucia Lopes da. **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005**. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, 2006.

SOUZA, Jessé. **A Elite do Atraso**: da escravidão à lava-jato. São Paulo: LeYa, 2017.

SOUZA, Tito Eugênio Santos. **O “Retorno” da Narrativa e a Emergência do Storytelling como Técnica Jornalística**. Juazeiro: XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2018.

VIEIRA, Livia. **Dilemas éticos de uma grande reportagem**. Observatório da Imprensa, 2015. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/dilemas-eticos-de-uma-grande-reportagem/>. Acesso em 11 de maio de 2019.

ZINSSER, William. **Como Escrever Bem**. [S.L]: Três Estrelas, 2017. 280 p.

APÊNDICE A – Cronograma de produção e tabela de equipamentos e recursos

Cronograma de produção

	2019								2020		
	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR
Revisão do projeto de TCC											
Apuração da pauta											
Realização das entrevistas											

Fonte: Elaborada pelas autoras (2020).

	2020									
	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Suspensão do calendário acadêmico										
Redefinição do formato										
Produção dos textos dos capítulos										
Realização das entrevistas										
Revisão dos textos dos capítulos										
Projeto Gráfico e diagramação do livro										
Redação do relatório do TCC										
Depósito das cópias do TCC para banca										
Defesa final										
Correções pós-defesa										

Fonte: Elaborada pelas autoras (2020).

Tabela de equipamentos e recursos

CATEGORIA	ITEM	VALOR
Transportes	<p>Ônibus em Florianópolis valor unitário: R\$ 2,10 (estudante) cerca de 25 entrevistas, 2 pessoas: R\$ 210</p> <p>Avião de Florianópolis para São Paulo valor por passageira, ida e volta: R\$ 265</p> <p>Metrô em São Paulo valor unitário: R\$ 4,40 4 entrevistas, 2 pessoas: 35,20</p>	R\$ 775,20
Equipamentos	<p>Notebooks: 1 Lenovo Ideapad S145 1 Acer Aspire F5-573 Series</p>	* itens pessoais que as autoras já tinham
Equipamentos	Câmera Canon EOS Rebel T6	* itens pessoais que as autoras já tinham
Softwares	<p>Adobe InDesign Adobe Illustrator</p>	** softwares licenciados da UFSC
Ilustrações	Contratação de ilustradora	R\$ 360,00
Impressão	<p>Impressão de 6 exemplares do livro valor unitário: R\$ 62,00</p>	R\$ 372,00

Fonte: Elaborada pelas autoras (2020).

APÊNDICE B – Tabelas de fontes

Tabela 1 – Fontes referências

Referência
_____. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei PL 4211/2012 . Regulamenta a atividade dos profissionais do sexo.
_____. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
_____. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.
_____. Decreto Nº 5.017. Promulga o Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 mar. 2004.
_____. Decreto Nº 7.053. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Diário Oficial da União, 23 dez. 2009.
_____. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial União, Brasília, DF, 16 jul. 1990.
_____. Lei nº 10.406. Código Civil. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 139, n. 8, p. 1-74, 11 jan. 2002.
_____. Lei Nº 12.015. Dispõe sobre crimes hediondos e corrupção de menores. Código Penal. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 ago. 2009.
_____. Lei nº 13.257. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Diário Oficial da União: edição 46, seção 1, página 1, 9 mar. 2016.
_____. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Central de Atendimento à Mulher. Balanço anual: Ligue 180. 2019.
_____. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Central de Atendimento para informações e denúncias contra Direitos Humanos. Balanço anual: Ligue 100. 2019.
_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2011 a 2017. Boletim Epidemiológico, Brasília, v. 49, n. 27, 2018.
_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Vigilância de Doenças Não Transmissíveis. Viva Inquérito 2017: Vigilância de Violências e Acidentes em Serviços Sentinela de Urgência e Emergência. Brasília : Ministério da Saúde, 2019.
_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. O controle da tuberculose no Brasil: avanços, inovações e desafios. Boletim Epidemiológico, Brasília, v. 45, n. 2, 2014.
ALBUQUERQUE, Aline Figueiredo de. A questão habitacional em Curitiba: o enigma da “cidade-modelo”. Diss. Universidade de São Paulo, 2007.
AM NCIO, Thiago; CUBAS, Marina Gama; ZAREMBA, Júlia. Brasil registra 1 caso de agressão a mulher a cada 4 minutos, mostra levantamento. Folha de S. Paulo, São Paulo, 09/09/2019.
BENEVIDES, Bruna G; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Orgs). Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020
CARR, David. A noite da arma. [S.L.]: Record, 2012. 416 p. Tradução de: José Gradel.
Conselho Nacional de Justiça. Monitoramento da Política Judiciária Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Disponível em: https://paineis.cnj.jus.br/QvAJAXZfc/opendoc.htm
CRUZ, Vania Dias; OLIVEIRA, Michele Mandagará de; COIMBRA, Valéria Cristina Christello; KANTORSKI, Luciane Prado; PINHO, Leandro Barbosa de; OLIVEIRA, Jeane Freitas de. Vivências de mulheres que consomem crack. Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, [S.L.], v. 15, n. 4, p. 639-649, 20 ago. 2014. Rev Rene - Revista da Rede de Enfermagem de Nordeste.
DORNELLES, Aline Espindola et al (ORG). A Rua em Movimento: debates acerca da população adulta em situação de rua em porto alegre. Belo Horizonte: Didática Editora do Brasil, 2012.

ENGEL, G. M. O Médico, a prostituta e os significados do corpo. In: História e Sexualidade no Brasil. (org) VAINFAS, Ronaldo. Graal, 1986.
FLORIANÓPOLIS. Lei nº 1224/74. (regulamentada pelo decreto nº 226/1995). Institui o Código de Posturas Municipal.
ICOM - Instituto Comunitário Grande Florianópolis; MNPR-SC - Movimento da População em Situação de Rua de Santa Catarina. Diagnóstico social participativo da população em situação de rua na grande Florianópolis. Florianópolis, 2017.
MIRANDA, Leila Conceição de Paula; SOUZA, Leonardo Tavares de; PEREIRA, Isabella Rodrigues Diamantino. A Trajetória Histórica da EJA no Brasil e Suas Perspectivas na Atualidade. Seminário de Iniciação Científica, 2016.
Movimento Nacional da População de Rua (MNPR). Cartilha De Formação Do Movimento Nacional Da População De Rua. 2010.
TAYLOR, A.Y., LAURO, G., SEGUNDO, M., Greene, M.E. “Ela vai no meu barco”: Casamento na infância e adolescência no Brasil. Resultados de Pesquisa de Método Misto. Rio de Janeiro e Washington DC: Instituto Promundo & Promundo-US. Setembro 2015.
UNODC - Escritório das Nações Unidas sobre drogas e crime. Relatório Global sobre o Tráfico de Pessoas. Viena: UNODC Research, 2018. 53 p.
VON HOHENDORFF, Jean; HABIGZANG, Luísa Fernanda; KOLLER, Silvia Helena. Violência sexual contra meninos: dados epidemiológicos, características e consequências. Psicologia Usp, [S.L.], v. 23, n. 2, p. 395-416, 17 jul. 2012. FapUNIFESP (SciELO).

Fonte: Elaborada pelas autoras (2020).

Tabela 2 – Fontes especializadas

Data da entrevista	Fontes	Tempo total de entrevista
13/08/2019	Gabriel Amado	0h40
30/08/2019	Rosana Sousa de Moraes Sarmento	1h39
18/09/2019	Camila Paravisi Frizzo	0h30
28/10/2019	Michel Nader	0h53
29/10/2019	Janaína Gomes	0h51

Fonte: Elaborada pelas autoras (2020).

Tabela 3 – Fontes institucionais

Data da entrevista	Fontes
21/08/2019	Chá das Mina
12/09/2019	Rede Rua
14/09/2019	Associação Espírita Fé e Caridade
16/09/2019	EJA Rua
17/09/2019	Comitê Municipal Intersetorial da População em Situação de Rua
28/10/2019	Padre Júlio Lancelotti

Fonte: Elaborada pelas autoras (2020).

Tabela 4 – Fontes oficiais

Data da entrevista	Fontes	Tempo total de entrevista
13/09/2019	Wilza Carla Folchini Barreiros Defensora Pública da DPU-SC	0h29
23/09/2019	Lívia Fontana Psicóloga do Consultório na Rua	0h46
26/09/2019	Daniela Parisotti Assistente social do CENTROPOP	0h33

17/10/2019	Marcelo Scherer Defensor Público do DPE-SC	0h42
29/10/2019	Viviane Del Grossi Defensor Público do DPU-SP e coordenadora nacional do GT Rua	0h39

Fonte: Elaborada pelas autoras (2020).

Tabela 4 – Fontes individuais

Datas das entrevistas	Fontes	Tempo total de entrevista gravada
03/10/2019 17/10/2019 09/11/2019 19/12/2019 22/01/2020 01/02/2020	Clarice Parnov	8h01
03/02/2020 19/02/2020 13/03/2020	Aline Salles	2h31* *Além das entrevistas presenciais e via telefone, também trocamos mensagens de texto que não foram contabilizadas neste tempo.
19/02/2020 10/03/2020 29/10/2020 14/11/2020	Débora Silva	2h15* *Além das entrevistas presenciais e via telefone, também trocamos mensagens de texto que não foram contabilizadas neste tempo.
12/03/2020 08/08/2020 19/08/2020* 19/09/2020 31/10/2020 *perdemos a gravação da entrevista deste dia, portanto não está contabilizada no total, mas durou 34 min.	Melanie Ayres	1h58* *Além das entrevistas presenciais e via telefone, também trocamos mensagens de texto que não foram contabilizadas neste tempo.

Fonte: Elaborada pelas autoras (2020).

APÊNDICE C – Matriz de Seleção Tipográfica

Matriz de Seleção Tipográfica*									
Contexto do Problema: registre as principais informações (conteúdo, perfil do leitor e suporte) que deverão orientar a seleção tipográfica. Defina os pesos dos critérios a partir destas informações.									
	Aspectos Formais e Funcionais		Aspectos Conceituais		Aspectos Técnicos		Aspectos Econômicos e Legais		RESULTADO
	LEGIBILIDADE	VARIAÇÕES e RECURSOS	HISTÓRIA e CULTURA	EXPRESSÃO	QUALIDADE	SUPORTE	LICENCIAMENTO	INVESTIMENTO	
atribuir pesos	5	4	3	2	0	1	0	0	
Avaliação									
Bitter	5	5	5	4		4			72
Crimson Pro	5	5	2	5		5			66
Lora	5	3	4	3		5			60
IBM Plex Serif	5	5	2	3		4			61
Noto Serif	5	5	2	5		5			66
Petrona	4	5	2	3		5			57
PT Serif	5	2	4	5		4			59
Source Serif Pro	4	5	2	3		5			57
Spectral	5	4	2	5		4			61
Yrsa	5	5	4	4		5			70
Pesos: Atribua um peso para cada critério de acordo com sua relevância para o projeto de 0 (anula o critério) a 5 (muito importante para o projeto)									
Avaliação: Atribua uma nota para cada fonte para definir o quanto ela atende ou não a cada critério de 0 (não atende) a 5 (atende completamente)									
* Esta matriz compõe o material complementar do Modelo de Apoio à Seleção Tipográfica, desenvolvido pela Profª Mary Meürer em sua pesquisa de doutorado no PósDesign UFSC. Não deve ser distribuída sem autorização da autora.									

Fonte: Meürer (2017), adaptado pelas autoras (2020).

APÊNDICE D – Memorial editorial descritivo

Memorial Descritivo - “Sem endereço: histórias de quatro mulheres que vivem nas ruas”

1. PERFIL EDITORIAL

1.1. Apresentação

O livro-reportagem “Sem endereço: histórias de quatro mulheres que vivem nas ruas” é uma publicação sobre mulheres em situação de rua, que eventualmente, construíram vidas em Florianópolis. O livro tem como objetivo contextualizar a rotina e os serviços que atendem a população de rua; apresentar e comparar as realidades entre a vivência dessas mulheres e a de homens que estão em situação similar; identificar os motivos que as levaram a viver nas ruas; apontar suas dificuldades com um recorte de gênero e denunciar violações de direitos humanos. O livro-reportagem foi pensado a partir da necessidade de tornar público relatos de mulheres que têm sua existência socialmente invisibilizadas.

1.2. Público-alvo

O livro é destinado ao público masculino e feminino, entre 20 e 50 anos, de todas as classes econômicas. Seu foco principal são pessoas que tenham interesse em Políticas Públicas, Saúde, Direito e Feminismo.

1.3. Personas

Nome: Maria

Idade: 32 anos

Naturalidade: Florianópolis - SC

Ocupação: Professora

Vida cotidiana: Ministra aulas no ensino fundamental de uma escola municipal de Florianópolis, cozinha diariamente, gosta de ir à praia com a filha e o companheiro no seu tempo livre, lê bastante, semanalmente faz terapia com uma psicóloga — embora também acredite em terapias alternativas.

Educação: Graduada em Letras - Português

Objetivos de vida: Tornar o mundo melhor através da educação e conhecer o mundo

Interesses: Educação, meio ambiente, vegetarianismo, feminismo, espiritualidade, comunicação não-violenta, autocuidado

Frustrações: pessoas que não sabem escutar e/ou tem fala agressiva, todo o tipo de preconceito, falta de tempo para lazer e estar com a família

Fontes frequentes de informação: Mídia Ninja, Revista TPM, Medium e livros

Música predileta: Pra Que Me Chamas? - Xênia França

Nome: Juliana

Idade: 20 anos

Naturalidade: Porto Alegre - RS

Ocupação: Estudante

Vida cotidiana: Frequenta as aulas de Direito na UFRGS, estagia no Tribunal de Justiça, pratica musculação na academia três dias por semana, realiza trabalho voluntário em um cursinho popular na sua cidade. No seu tempo livre, gosta de assistir séries na Netflix e se reunir com os amigos para beber e conversar, seja em casa ou no bar.

Educação: Cursando graduação em Direito

Objetivos de vida: Se tornar defensora pública, comprar uma casa e um carro

Interesses: Direito penal, política, culinária (está aprendendo a cozinhar), cinema e educação

Frustrações: Injustiças sociais, brigar com a família, disciplinas difíceis na faculdade que fazem com que ela curse menos quantidade e atrase a formação, salário baixo de estagiária

Fontes frequentes de informação: Sites de notícias, redes sociais e livros

Música predileta: Meninos e meninas - Legião Urbana

Nome: Jorge

Idade: 48 anos

Naturalidade: Curitiba - PR

Ocupação: Atendente em posto de saúde

Vida cotidiana: Trabalha no posto de saúde de segunda a sexta, assiste todos os jogos do seu time, o Athletico Paranaense. Aos finais de semana gosta de fazer churrasco com a família ou jogar futebol com os amigos.

Educação: Ensino médio completo

Objetivos de vida: Comprar um carro zero km e viajar para os EUA

Interesses: Saúde pública, futebol, viagem e música

Frustrações: Pacientes que tratam os profissionais com desrespeito, falta de ação do poder público em relação à pandemia de covid-19 e dívidas financeiras

Fontes frequentes de informação: Jornal impresso, tevê aberta e redes sociais

Música predileta: Livin' On a Prayer - Bon Jovi

2. PROJETO GRÁFICO

2.1. Informações gerais

Formato: 148 x 210 mm

Capa: Impressão com Papel Offset de 240g/m²

Miolo: Impressão com Papel Pólen Soft 80g/m² (234 páginas)

Encadernação: Lombada quadrada com laminação fosca

Estilo de diagramação: Simples; Texto de Imersão; Cores neutras; Ilustrações.

2.2. Estilos Tipográficos

Títulos de Seções: Yrsa Bols, 35 pt

Títulos de Capítulos: Yrsa Medium, 16 pt

Corpo de texto: Yrsa Regular, 12 pt

Notas de Rodapé: Yrsa Light, 8 pt

Numeração de página: Yrsa Light, 10 pt

Cabeçalhos: Yrsa Light, 10 pt

2.3. Código cromático

Capa e contracapa:

- Preto Calçado: C = 30 M = 0 Y = 0 K = 100

Miolo:

- Preto: C = 0 M = 0 Y = 100 K = 0
- Preto Calçado: C = 30 M = 0 Y = 100 K = 0

2.4. Grid

Formato: 148 x 210 mm

Módulo: 5 x 5,10 mm

Mancha gráfica: 112,276 x 170 mm

Margens:

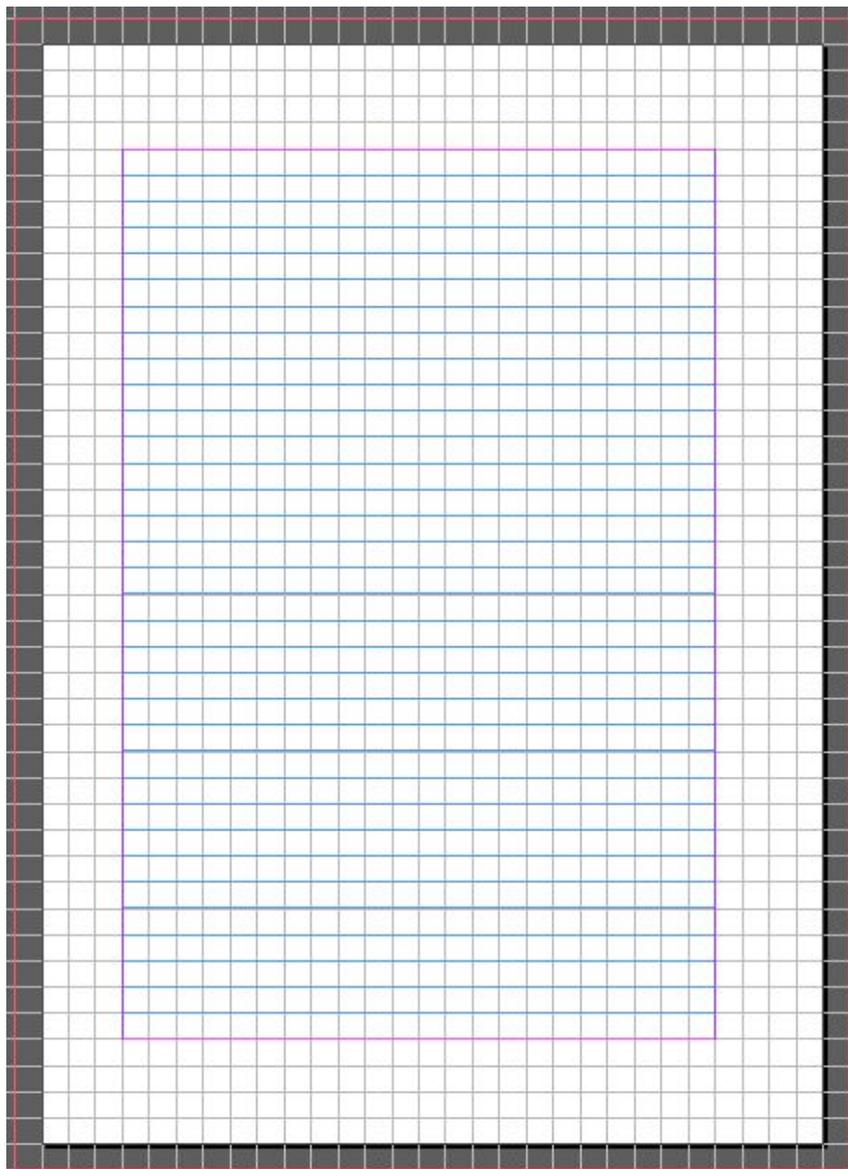
- Interna: 20,41 mm
- Inferior = 20 mm
- Externa = 15,31 mm
- Superior: 20 mm

2.5. Capa

Ilustração feita por Luana Pillmann com fundo transparente foi editorada em um fundo preto calçado.



2.6. Modelo de Editoração



Representação de uma página com numeração par do projeto gráfico desenvolvido. A página contém um grid modular (linhas cinzas horizontais e verticais), margens (linhas roxas para as interna e externa e linhas rosas para as superior e inferior), mancha gráfica (quadro formado a partir das margens) e linhas de base (linhas horizontais em azul visíveis apenas dentro da mancha gráfica e com 75% de zoom).



Spread das páginas 33 e 34, finalizando um capítulo de Aline Salles com uma nota de rodapé e iniciando um capítulo de Clarice Bento. Este modelo se repete em todo o livro, as exceções são quando o texto termina em página ímpar, deixando assim a página par seguinte e branco, pois o início de capítulo sempre ocorre em páginas ímpares.



Spread das páginas 144 e 145, com texto finalizando na página par e uma nova seção iniciando na página ímpar, com título em branco e fundo em preto calçado. O estilo de preto calçado é utilizado nas mudanças de seções: Primeiro Contato; Parte I Durante a Rua; Parte II Antes da Rua; Parte III Depois da Rua; Ilustrações finais e Rota da Rua.



Spread das páginas 20 e 21, com a página par em branco e a ímpar com Ilustração de Débora Silva, produzida pela ilustradora. O estilo de páginas apresenta-se também com as ilustrações de Aline, Clarice e Melanye, tendo alterações quando o texto anterior termina na página par que antecede a ilustração.



Spread das páginas 214 e 215, com mapa mostrando a área continental e central de Florianópolis. O mapa aponta locais de acesso da população em situação de rua, como instituições de acolhimento, serviços de saúde e espaços públicos para lazer e descanso. Os textos explicativos sobre os serviços estão na sequência.

APÊNDICE E – Declaração de autoria e originalidade

DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Nós, Aline Lima Ramalho e Lais dos Santos Godinho, alunas regularmente matriculadas no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrículas 16101794 e 16101803, declaramos para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Sem endereço: histórias de quatro mulheres que vivem nas ruas é de NOSSA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estamos CIENTES de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizamos a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 30 de novembro de 2020

Assinam:

 Documento assinado digitalmente
Aline Lima Ramalho
Data: 30/11/2020 14:13:57-0300
CPF: 416.110.768-46

Aline Lima Ramalho

 Documento assinado digitalmente
Lais dos Santos Godinho
Data: 30/11/2020 14:11:48-0300
CPF: 042.848.170-19

Lais dos Santos Godinho

APÊNDICE F – Ficha de identificação do livro-reportagem “Sem endereço”

FICHA DO TCC – Trabalho de Conclusão de Curso – JORNALISMO UFSC			
ANO	2020		
ALUNO	Aline Lima Ramalho Lais dos Santos Godinho		
TÍTULO	Sem endereço: histórias de quatro mulheres que vivem nas ruas		
ORIENTADOR	Stefanie Carlan da Silveira		
MÍDIA	<input checked="" type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Website	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input checked="" type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input type="checkbox"/>	Reportagem livro-reportagem (X)	(X) Florianópolis () Brasil () Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Direitos humanos. Jornalismo. Problemas Sociais Brasileiros. Gênero.		
RESUMO	<p>Este Trabalho de Conclusão de Curso é um livro-reportagem sobre mulheres em situação de rua na cidade de Florianópolis. A publicação (1) contextualiza a dinâmica da vida na rua e os serviços públicos que atendem essa população; (2) apresenta como as realidades das mulheres em situação de rua se difere da dos homens; (3) relata a vida de quatro mulheres, contemplando tanto os períodos em que estiveram em situação de rua, como os que estiveram em habitação; (4) identifica os motivos que as levaram para a situação de rua, (5) aponta dificuldades específicas vividas pelas entrevistadas por conta do gênero; (6) denuncia violações de direitos humanos. Para isso, o livro conta a história de quatro mulheres e está organizado em três partes: durante a rua, antes da rua e depois da rua. As fontes são as personagens, especialistas sobre o tema, entidades públicas de assistência social e documentos, como pesquisas e relatórios. A apuração foi feita por meio de entrevistas presenciais e remotas.</p>		

ANEXO A – Roteiro Orientador de Entrevistas do livro *Vidas de Rua*

anexo 2

ROTEIRO ORIENTADOR

I — ANTES DA RUA

1. Trajetória profissional e escolarização

Tipos de profissões, ocupações ou trabalhos realizados:

Viveu ou trabalhou na roça — desde que idade.

Situar datas do início e término de cada emprego.

Registro ou não em carteira profissional.

Salários — para sustento próprio ou familiar.

O que fez nos períodos de desemprego.

Tempo para arranjar o emprego seguinte.

Qual o emprego que mais gostou.

Data do último emprego.

Quais os estudos realizados — até que idade.

Profissionalização.

Porque abandonou os estudos.

2. Deslocamentos

Por onde passou após sua saída da cidade natal até chegar a São Paulo (se originário de outras cidades).

Descrever os locais que percorreu e o que fez.

Como foi a chegada a São Paulo.

3. Trajetória familiar

Família de origem: pais, irmãos e agregados:

Cidades onde nasceram e viveram.

Profissão e/ou ocupação dos pais.

Sua posição na família.

Situação econômica — remuneração.

Moradia.

Alimentação.

Relações familiares.

Motivos da saída de casa.

Família constituída:

Casado e filhos.

Se tem filhos com quem eles estão.

Sua posição na família.

Situação econômica — remuneração.

Moradia.

sobre a metodologia utilizada

Alimentação.
 Relações familiares.
 Motivos da saída de casa.
Relação com amigos
Relação com instituições
Perspectivas do futuro

II — NA RUA

1. Chegada à rua
 Como foi o primeiro dia na rua ou os primeiros momentos.
 Quanto tempo está na rua e/ou albergue — quantas vezes saiu e retornou.
 Por que está na rua.

2. Modo de vida na rua
Onde se abriga:
 Qual o local — desde quando — por quê.
 Sozinho ou com mais alguém.
 Já frequentou albergue — quando.
 Como faz nos dias de frio.
 Como é morar na rua — dificuldades.
 Pensa em mudar de local — por que.
Onde se alimenta
O que faz atualmente para ganhar dinheiro na rua:
 Tem trabalho.
 Como vê a falta de trabalho.
 De que recursos vive.
 O que sabe fazer.
 Recorre ao pedido.
 Como gasta o dinheiro.
Relação com a família:
 Mantém relação — com que frequência.
 Quanto tempo não os vê — houve rompimento com a família.
 Se houve, como sente este distanciamento.
 O que espera dela.
Relação com amigos ou companheiros de rua:
 Conhece pessoas. Quais.
 O que fazem juntos — fim de semana o que faz.
 Tipos de lazer — quais.
 Mantém relações com outros que moram na rua.
 O que espera deles.

anexo 2

Há conflitos na rua — quais.

Relação com instituições:

Com quais instituições mantém contato — para quê.

O que você pensa — o que espera.

Ritmos cotidianos:

O que faz geralmente num dia — o que fez ontem ou anteontem.

Como se desloca na rua — para onde.

Perspectivas do futuro

Como vê o futuro:

Espera algo da família — amigos — instituições. O quê.

Quer sair da rua — o que precisa para sair da rua.

III — DEPOIS DA RUA

1. Saída ou saídas da rua

Quantas vezes saiu da rua.

Por que saiu da rua.

Em que condições saiu.

Que tipos de ajuda.

O que significa sair da rua.

2. Situação atual

Moradia, trabalho, família, amigos e instituições.

3. Quais os pontos de apoio para quem quer sair da rua.

4. O que necessita para permanecer fora da rua.

5. Perspectivas do futuro

Como vê o futuro.

Espera algo da família — amigos — instituições.

Observações sobre: olhar, postura corporal, gesticulação, expressões, condições físicas e o que carrega consigo.